



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 2
jul-dez.2023
p. 01-19

Uma intervenção psicologicamente ética sobre o sujeito aderente a movimento de pureza sexual

(A psychologically ethical intervention on the subject adhering to the sexual purity movement)

(Una intervención psicológicamente ética sobre el sujeto adherido al movimiento de pureza sexual)

Saulo Albert¹

RESUMO: Este trabalho analisa a ética acerca da intervenção da psicóloga na angústia culposa do sujeito sobre a própria libido resultante de participação em movimento evangélico de pureza sexual. O seu embasamento teórico envolve: um resumo sócio-histórico da castidade dentro do cristianismo; uma *netnografia* que engloba desabafos e relatos compartilhados dentro de comunidades e espaços virtuais evangélicos sobre algumas das modalidades de angústias e sofrimentos atrelados à participação nesse tipo de movimento; e uma análise do código de ética brasileiro da psicologia acerca da questão religiosa. O objetivo é compreender como a psicóloga pode intervir eticamente sobre o sofrimento desse sujeito sem (necessariamente) afastá-lo da sua religião. O resultado almejado é o desenvolvimento de metodologias psicologicamente em consonância com o código de ética da categoria que permitam ajudar esse sujeito a lidar positivamente com a sua própria sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: eu escolhi esperar; pureza sexual; ética psicológica.

Abstract: This work analyzes the ethics about the psychologist's intervention in the subject's guilty anguish over his own libido resulting from participation in an evangelical movement of sexual purity. Its theoretical basis involves: a socio-historical analysis of chastity within Christianity; a *netnography* that encompasses outbursts and reports shared within evangelical communities and virtual spaces about the various modalities of anguish and suffering linked to participation in this type of movement; and an analysis of the Brazilian code of ethics of psychology on the religious question. The objective is to understand how the psychologist can ethically intervene on the suffering of this subject without (necessarily) distancing him from his religion. The desired result is the development of methodologies psychologically in line with the category's code of ethics that allow helping this subject to deal positively with their own sexuality.

Keywords: i chose to wait; sexual purity; psychological ethics.

Resumen: Este trabajo analiza la ética de la intervención del psicólogo en la angustia culposa del sujeto sobre su propia libido resultante de la participación en un movimiento evangélico de pureza sexual. Su base teórica involucra: una análisis socio-histórica de la castidad dentro del cristianismo; una *netnografía* que recoge exabruptos y relatos compartidos al interior de comunidades evangélicas y espacios virtuales sobre las diversas modalidades de angustia y sufrimiento vinculadas a la participación en este tipo de movimientos; y un análisis del código de ética de la psicología brasileño sobre la cuestión religiosa. El objetivo es comprender cómo el psicólogo puede intervenir éticamente sobre el sufrimiento de este sujeto sin alejarlo (necesariamente) de su religión. El resultado deseado es el desarrollo de metodologías psicológicamente acordes con el código deontológico de la categoría que permitan ayudar a este sujeto a afrontar positivamente su propia sexualidad.

Palabras clave: elegí esperar; pureza sexual; ética psicológica.

¹ Discente do Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), da Especialização em Psicologia Positiva pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e do Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). Especialista em Sociopsicologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Psicopatologia Psicanalítica pelo Centro Universitário UniFG. Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e em Sociologia e Filosofia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). sauloalbert404@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 02/06/2022
Aceito em 25/08/2022

1 Introdução

Algumas comunidades religiosas recomendam ou impõem, em diferentes níveis de rigor, uma abstinência sexual aos seus jovens como modo de se alcançar um estado de santidade divinamente requisitado. Como constitucionalmente os sujeitos diferem entre si, essa mensagem é absorvida, interpretada e respeitada (ou desrespeitada) singularmente por cada indivíduo, porém para aqueles que atribuem credibilidade e autoridade à mensagem da pureza sexual a vida pode se tornar um grande tormento. E esse é um movimento crescente com milhões de adeptos pelas redes sociais e cujas diretrizes se transformaram em política de governo através de Damares Alves, que foi responsável pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos entre 1º de janeiro de 2019 e 30 de março de 2022.

Diante dos milhões de brasileiros evangélicos expostos institucionalmente às elaborações teóricas de campanhas e movimentos de pureza sexual, fato gerador de angústia e de sofrimento para a parcela dessa população, como pensar a ética de se intervir psicologicamente na angústia culposa desse sujeito? É possível que esse indivíduo passe por uma psicoterapia para lidar com questões que envolvem, direta ou indiretamente, a sua adesão ao movimento de pureza sexual e consiga trabalhar suas angústias sem que a psicóloga desrespeite o posicionamento religioso do sujeito em análise?

Para explorar essa questão, o tema deste trabalho é a ética acerca da intervenção da psicóloga na angústia culposa do sujeito sobre a própria libido resultante de participação em movimento evangélico de pureza, castidade e/ou santidade sexual. E essa temática se justifica diante dos milhões de brasileiros atualmente participantes ou expostos a movimentos evangélicos de pureza sexual, resultando em muitos relatos, desabafos e pedidos de socorro facilmente encontráveis virtualmente.

Essa angústia generalizada, chegando à clínica, demanda da psicóloga alguma perspicácia sociopsicológica sobre o tema e um posicionamento ético de ajudar o sujeito a lidar com essas suas questões, atreladas ao gênero e à sexualidade, sem que a profissional condene o seu posicionamento religioso. É importante, então, debater essa questão para oferecer ferramentas metodologicamente éticas à profissional da psicologia que a ajudem a lidar com indivíduos como os analisados neste artigo.

O objetivo deste estudo é propor, a partir de relatos de sujeitos evangélicos expostos a movimentos de pureza sexual, metodologias para a psicóloga lidar com casos dessa espécie evitando confrontar (desnecessariamente) a crença do sujeito na institucionalidade religiosa. Para tal, elaborar-se-á uma breve análise sócio-histórica dos movimentos evangélicos de pureza sexual



no Brasil, seguida por exemplificações da extensão e da gravidade das potenciais consequências psicossociais do projeto “Eu Escolhi Esperar” e seus variantes através de relatos dos sujeitos afetados, finalizando com a análise sobre a ética do trabalho da psicóloga com o sujeito sexualmente inibido e/ou reprimido pela religião.

O método de pesquisa envolve uma “netnografia”² de comunidades virtuais e de páginas da internet nas quais sujeitos evangélicos compartilham entre seus pares as dores, angústias e sofrimentos da luta contra a própria carne³ para atingir ou manter uma pureza sexual. Essa metodologia virtual parece ser adequada para a busca de depoimentos considerando que o confronto direto de um pesquisador externo tende a inibir o relato desse tipo de informação íntima e também por serem comuns os comentários de evangélicos que afirmam serem mentirosas as alegações de virgindade de muitos dos jovens desse campo religioso.

Para não ferir a ética do trabalho científico, mesmo que esses depoimentos sejam encontráveis na internet, não serão compartilhados as fontes e os nomes das(os) suas(eus) autoras(es). Além disso, esses escritos estão codificados com a finalidade de diminuir ao mínimo risco a probabilidade da(o) leitora(or) deste artigo conseguir alcançar as(os) autoras(es) dos relatos a serem aqui exemplificados.

Posteriormente, a revisão bibliográfica sobre o tema servirá para reforçar a importância de se falar sobre o assunto aqui em análise (e sobre as suas consequências) tomando como base autoras que já trabalharam com sujeitos que sofreram consequências emocionais negativas provenientes de participação em movimentos de pureza sexual, finalizando com a proposição de uma modalidade ética para se trabalhar com essas pessoas.

2 Um breve resumo sobre o movimento brasileiro contemporâneo de pureza sexual

A castidade como recomendação cristã é uma ideologia com origem complexa e multifacetada. Um dos principais nomes defensores dessa ética sexual, cujos ensinamentos atravessaram os séculos, foi Santo Agostinho. Doutor da Igreja Católica e canonizado no século XIII, um dos principais filósofos da história ocidental publicou uma obra que é considerada a primeira autobiografia introspectiva da literatura ocidental (AGOSTINHO, 2017; FREDRIKSEN, 2012). Nesse texto, um aspecto da história pessoal do santo relevante para este trabalho é o grande sofrimento que Agostinho (2017, p. 206) detalhou sobre o processo de rejeição dos próprios desejos

2 Etnografia utilizada no estudo de campo virtual, também denominada “etnografia virtual” (SOARES; STENGEL, 2021).

3 O termo carne é aqui utilizado na acepção que Michel Foucault analisa historicamente da sexualidade no cristianismo, normalmente associado ao pecado (FOUCAULT, 2021).



carnais em prol da sua religiosidade: “O inimigo dominava meu querer, dele fizera minha corrente e me prendera. Por certo, da vontade pervertida nasce a libido, e quando se obedece à libido nasce o hábito, e quando não se resiste ao hábito nasce a necessidade”.

Ao tomar como referência de padrão comportamental ideal virgens e viúvos, continentes sexuais, que optaram pela abstinência de relacionamentos amorosos e sexuais, o santo relata:

Esse conflito no meu coração não era senão de mim mesmo contra mim mesmo. [...] Mas, do fundo arcano de onde essa profunda meditação trouxe e amontoou perante meu coração toda a minha miséria, surgiu uma grande tempestade, carregando chuva intensa de lágrimas. [...] Eu me joguei não sei como sob uma figueira, e soltei as rédeas às lágrimas; rios derramaram de meus olhos, sacrifício aceitável para ti [...] (AGOSTINHO, 2017, p. 220-221).

Em sua autobiografia, Santo Agostinho (2017) contribuiu com o oferecimento de algumas das diretrizes para os diferentes movimentos de pureza sexual cristã que se sucederam ao decorrer dos séculos. Ideias como ser necessário casar-se para fornicar com o fim de não gerar a ira de Deus, a entrega às paixões vedar a limpidez da verdade de Deus, de um corpo corrompido pesar sobre a alma e da dependência sexual sobre as mulheres ser uma fraqueza já eram popularizadas pela igreja cristã da época (FOUCAULT, 2021).

Qual a diferença, então, do neoconservadorismo sexual evangélico para esses movimentos históricos de inibição (ou mesmo repressão) das práticas e pensamentos sexuais? O alcance midiático e a apresentação de uma alternativa a um paradigma sexual contemporâneo pregado pela cultura pop associado a um maior hedonismo (FERREIRA NETO JÚNIOR, 2015) – e que a clínica praticada por Sellers (2017) percebe que também pode ser fonte de sofrimento para alguns sujeitos.

A grande capilaridade midiática de variadas denominações evangélicas como, por exemplo, através do alcance de um amplo público pela televisão e pela internet, foram ferramentas utilizadas por movimentos de pureza sexual que, apesar dos canais de comunicação tecnológicos modernos, retomam alguns dos princípios históricos de uma castidade rigorosa.

No início da década de 1990, a narrativa da negativa ao sexo antes do casamento foi expandida para incluir a ideia de que cristãos deveriam se manter ‘sexualmente puros’ antes do casamento, o que muitos jovens cristãos entenderam como refrear qualquer expressão de desejo sexual: nada de masturbação, beijo, desejo, toque, fantasia, etc. Esse movimento que começou no sul [dos Estados Unidos] e alcançou mais de dois milhões de jovens em vários países, envolvendo assinaturas contratuais de promessa de pureza, anéis de castidade e, para algumas garotas, danças de castidade com seus pais. Isso é o que ficou conhecido como ‘movimento de pureza’. A vagueza de expressões como ‘pureza’ e ‘abstinência sexual’ usadas nos ensinamentos e nos documentos que esses jovens eram requisitados a assinar os deixavam confusos e excessivamente auto restritivos no



desenvolvimento dos seus eu-eróticos (SELLERS, 2017, p. 10, tradução nossa⁴).

Nesse contexto, foi criado nos Estados Unidos, em 1993, a campanha “True Love Waits” que recebeu dois bilhões de dólares do governo federal justificados pela estimulação da abstinência sexual como forma de diminuir o número de casos de gravidez na adolescência e a quantidade de infectados por doenças sexualmente transmissíveis (KLEIN, 2018). O pastor estadunidense Jaime Kemp importou esse movimento para o Brasil sob a alcunha “Quem Ama Espera” (CUSTÓDIO, 2016), alcançando o jovem evangélico Nelson Junior que, anos depois, já como adulto e pastor, inspirou-se nesse aprendizado para criar o “Eu Escolhi Esperar” e pregar para milhões de jovens pelo país (FERREIRA NETO JÚNIOR, 2015).

3 Uma *netnografia* sobre potenciais consequências emocionais negativas associadas à pureza sexual contemporânea

Por que se escolheu, para este trabalho, um método qualitativo de pesquisa de campo? Parte-se, aqui, da percepção de que não é totalmente confiável realizar uma pesquisa quantitativa sobre um assunto constituído como tabu no meio evangélico – já que muitos veem o tópico da sexualidade com desconfiança e podem mentir como modalidade de proteção pessoal. Será que todo jovem evangélico que já se masturbou, que já teve relações sexuais ou que é homossexual vai se sentir à vontade para revelar essas informações a um pesquisador externo? A resposta é não.

Infelizmente, ‘eu escolhi esperar’ tornou-se um jargão, uma frase de efeito ou uma espécie de ‘estado civil’. Se esperar não é uma decisão fácil, a dificuldade só aumenta se você não entende as razões que o levam a tomar essa decisão. Conheço milhares de pessoas que dizem estar esperando em Deus, mas, na verdade, não estão (FERREIRA NETO JÚNIOR, 2015, p. 37).

A partir dessa afirmativa sobre dados estatísticos acerca da sexualidade dos jovens evangélicos tenderem a uma não total confiabilidade, qual a razão da escolha, então, de uma *netnografia* ao invés da utilização do método etnográfico de modo tradicional (através de uma pesquisa de campo presencial)? Novamente, por se tratar de um tópico visto como tabu para muitos no meio evangélico, originador de uma série de conflitos subjetivos, pode ser intimidador para um jovem que um pesquisador queira saber sobre a sua intimidade sexual. Além disso, a

4 “In the early 1990s, the no-sex-before-marriage discourse was expanded to include the idea that Christians must remain ‘sexually pure’ before marriage, which many Christian youth understood to mean refraining from any expression of sexual desire: no masturbation, kissing, longing, touching, fantasizing, and so on. This movement, which began in the South and spread to over two million youth in several countries, involved purity pledges that were signed, purity rings, and for some girls, purity dances (balls) with their fathers. This is what has become known as the purity movement. The vagueness of phrases like ‘purity’ and ‘sexual abstinence’ used in teaching and in the pledges these youth were asked to sign left young people confused and overly self-restrictive in the development of their erotic selves” (SELLERS, 2017, p. 10).



amostragem acabaria por ser bastante reduzida. O anonimato da internet faz desse um espaço onde muitos dos sujeitos aqui analisados sintam-se minimamente à vontade para desabafar sobre as angústias atreladas às próprias sexualidades, ou seja, torna-se um lugar adequado para a etnografia em questão.

Nesse ponto, reconhecemos que há uma digitalização da vida em suas mais variadas instâncias. Miller e Horst (2015:92) acentuam que o digital, assim como toda a cultura material, não nos torna menos humanos, mas nos dá a oportunidade de entender nossa própria humanidade. Se, como mostra a etnografia de Cesarino (2020), a eleição de Trump, o referendo sobre o Brexit e a eleição de Bolsonaro em 2018 escancaram as potencialidades da tecnologia na política, o advento da pandemia tem nos instado a olhar para o digital não como um campo alheio às demais esferas do cotidiano, mas reconhecer que o trabalho antropológico não pode prescindir dos ambientes digitais (GUERREIRO; ALMEIDA, 2021, p. 52).

Os depoimentos a serem aqui apresentados são provenientes de uma *netnografia* iniciada em 2020 na qual o pesquisador passou a participar de comunidades virtuais voltadas a jovens evangélicos (no Facebook e em fóruns virtuais), além de pesquisar, monitorar e acompanhar publicações e comentários de páginas em redes sociais como a “Eu Escolhi Esperar” para compreender como os seus usuários dialogam sobre as temáticas da pureza sexual e, em alguns casos, como são elaboradas as modalidades de desabafos sobre os sofrimentos pessoais atrelados à sexualidade. Outra modalidade de investigação e observação foi a busca direta em mecanismos de pesquisa, como o Google, de palavras-chave como “masturbação”, “sexo antes do casamento” e “homossexualidade” associadas a expressões como “pureza sexual” e “evangélico”.

O manual de metodologia da pesquisa em psicologia aqui utilizado (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012) aponta para a necessidade de o estudo envolver um risco mínimo sobre os pesquisados e acerca da manutenção do bem-estar deles. Além disso, como o mesmo manual afirma que a observação em locais públicos (como as comunidades virtuais abertas) não exige consentimento informado, torna-se recomendável a utilização de informações codificadas para ajudar a proteger as(os) autoras(es) dos relatos colhidos. Para tal, os depoimentos passaram por correções gramaticais, ortográficas e de sintaxe, substituí-se algumas palavras e expressões por sinônimos e não serão divulgadas as fontes e as autorias das mensagens a serem aqui analisadas.

3.1 A masturbação como pecado

Eu me chamo [...] e comecei a me masturbar com aproximadamente 12 anos. Nesse meio tempo nunca mais parei. Atualmente tenho 29 anos, o que totaliza mais ou menos 17 anos de sujeição a esse vício. Eu quero parar e, para tal, confesso diante de todos e peço a Deus que nos liberte desse vício que tanto nos prejudica. Orem por mim, meus irmãos, pois estou cansado e sempre quando coloco no coração que farei a vontade do Senhor, acabo



caindo em tentação e retorno à lama. Orem por mim para que Deus me dê determinação e para que eu deixe de me masturbar!

Esse primeiro depoimento já apresenta alguns elementos muito comuns a outros do mesmo gênero: o explorar da própria sexualidade como pecado; a interpretação do ato e do desejo de praticar a masturbação como vício; o desabafo como resultado de uma angústia prolongada; a sujeira como metáfora da sexualidade (nesse caso, com a utilização do termo “lama”); e o desejo de interromper a prática tida como pecaminosa.

Orem por mim, pois não posso mais viver com esse mal. Reconheço as promessas de Deus para a minha vida e anseio alcançá-las, mas o pecado da masturbação paira constantemente sobre mim. Admito que isso é uma maldição familiar: o pecado da prostituição. Eu sou um jovem de 19 anos e estou acessando sites de pornografia que mostram atos de masturbação masculina, o que me envergonha muito. Sempre confesso, mas chega! Não quero mais isso na minha vida, pois sou ministro na igreja. Quero ser sarado de uma vez por todas e escolho servir a Deus. Orem por mim.

O autor desse relato avalia o acesso à pornografia como uma espécie de pecado e, novamente, ligado à ideia de vício. Como será explorado posteriormente, a conduta homossexual também é colocada pelo autor do desabafo como um pecado. E, fazendo uma avaliação mais pejorativa do que o autor do depoimento anterior, este último encara o seu comportamento sexual como uma espécie de maldição ao repetir que quer ser “sarado”.

Pelo amor de Deus, orem por mim! Tenho 19 anos e amo a minha namorada, mas não consigo me livrar da pornografia e da masturbação! Não aguento mais essa vida. Apesar de orar, sempre volto a cair, o que faz com que eu me sinta horrível! Orem por mim, pois preciso de ajuda. Estou muito mal porque não quero entristecer o meu Paizinho que é tão bom. Eu tenho que parar com isso. Ajudem-me! Sozinho estou fraco, mas com as orações de vocês posso vencer. Obrigado pela ajuda!

Além da aflição comum a esse tipo de comentário, o autor deste último acresce um dado normalmente implícito a depoimentos de jovens que buscam a pureza sexual: o receio de desagradar a Deus. Se eles se martirizam pela dificuldade de seguir os comportamentos ensinados pelas igrejas como adequados dentro da cultura da pureza sexual, isso é frequentemente devido à desaprovação de um Deus que pode levá-los ao inferno.

A paz esteja convosco. Orem por mim! Há um ano eu era a pessoa mais pura do mundo. Eu não sabia de nada e era uma pessoa totalmente sem maldade até começar a ver coisas. Depois disso, comecei a fazer o que para os jovens é tido como normal, mas que não é para mim. Passo muito tempo sem fazer, chego a aguentar um mês, mas quando bate a vontade não consigo me conter. Orem por mim, por favor, pois não quero nunca mais me masturbar. Deus tem muitos planos para a minha vida e eu estou estragando tudo por besteira. No mundo atual é muito difícil não se corromper. Mas como vou aconselhar outras pessoas se faço o mesmo? Quero ser sal da terra e luz do mundo. Eu nasci para fazer a diferença. Obrigado por ler. Amém!

Se a masturbação desagrada a Deus, então viver em pecado pode não ter a potencial ida



ao inferno como única consequência. Segundo explanado pelo jovem anterior, os planos que Deus teria para ele poderiam não ser concretizados devido ao fato dele se masturbar, gerando, assim, o sofrimento aqui exposto.

Olá, irmãos! Já faz oito anos que estou na igreja e que luto contra esse vício maldito. Danço para o Senhor, mas não sinto que sou completamente livre. Muitos me apontam como exemplo de santidade, mas não sabem o quão difícil é a luta que travo todos os dias. Peço ao meu Pai amado que me livre desse mal. Amados, tenho certeza de que o Pai enxerga nossas lutas e, principalmente, que Ele conhece os verdadeiros desejos dos nossos corações. Orem por mim para que um dia eu seja realmente livre no Senhor. Também orarei por vocês.

Nesta pesquisa, foi relativamente comum encontrar em depoimentos de jovens que lutam contra a própria sexualidade a confissão de que essa se trata de uma luta diária e uma fonte de sofrimento que os assolam com grande frequência.

3.2 O sexo antes do casamento como pecado

Olá, irmãs e irmãos! Que a paz de Deus esteja com todos vocês. Preciso confessar que apesar de congregar desde a infância cometi um erro gravíssimo perante o Senhor. Sei que se trata de um pecado, mas, agora que já aconteceu, como devo proceder? Pois me sinto sempre em condenação, o tempo todo!

Devido à grande quantidade de material disponível sobre o tópico da pureza sexual, essa pesquisa *netnográfica* mostrou ser fácil encontrar conteúdo na internet voltado para casais de namorados ou noivos evangélicos que procuram instruções sobre sexo antes do casamento. Como exemplo, somente o vídeo “Passamos do limite! O que fazer?” do canal “Eu Escolhi Esperar”⁵ possui mais de 510 mil visualizações – e ele representa apenas uma pequena fração desse gênero de conteúdo na rede.

Depois de pecar bate o arrependimento e nos sentimos culpados e com vergonha de falar com Deus. Em seguida, paulatinamente começamos a nos fortalecer, o nosso relacionamento com Deus se reestabelece e tentamos ficar inabaláveis. Pronto, estamos limpos! Entretanto, não somos avisados sobre quando a tentação vai nos alcançar. Ela só vem e isso ocorre normalmente quando nos sentimos super seguros de que conseguiremos não pecar. A tentação, então, chega, a nossa segurança se esvanece e o nosso espírito fica fraco, o que dá forças para a nossa carne, permitindo a entrada do pecado que nos corrói. O processo se inicia novamente e se não estivermos firmes iremos pecar sempre. Não viva nesse círculo vicioso para o qual aquele cara do mal te puxa com uma coleira. Recuse pecar! Você não nasceu para ser escravo do coisa ruim. Você nasceu para ser livre e servir a Deus. Pecar às vezes pode parecer bacana, mas pense: será legal ir para o inferno depois de se divertir pecando aqui na Terra? Você pode extrair prazer de atividades saudáveis como ler a Bíblia e estudar a Palavra para se ocupar com coisas positivas, pois mente vazia é oficina do Diabo. Deus não nos impõe um fardo maior do que conseguimos suportar, por isso resistir ao pecado é fácil: só é preciso ter atitude e dizer não!

5 Vídeo publicado no Youtube em 18 de agosto de 2014. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=HeKfQhnpVsw>.



Assim como nos relatos sobre a masturbação, esta pesquisa identificou um padrão de sentimentos culposos e angustiosos que se repete no caso de parceiros amorosos que acreditam não poderem se relacionar sexualmente para não desagradar a Deus e aos seus mandamentos. Os jovens enamorados que acessam esse tipo de conteúdo produzido por líderes religiosos, portanto, frequentemente procuram respostas para solucionar os seus conflitos emocionais ocasionados, por sua vez, pelas próprias instituições das quais esses líderes fazem parte.

E se, na igreja, a líder dos jovens for eu mesma? E se os pastores forem os meus pais? E se essa igreja em que eu e meus pais somos responsáveis diretos tiver sido fundada recentemente e, por essa razão, não haver ninguém com maturidade o suficiente para eu me confessar e pedir orientação [sobre relações sexuais antes do casamento] e as poucas que têm forem fofoqueiras? Como posso agir diante disso? Isso tá me afastando de Deus e eu não consigo parar!

Nem todo o público que procura uma resposta para solucionar essa questão aqui em análise encontra um direcionamento efetivo, afinal, se sexo antes do casamento seria um pecado e o sujeito não consegue parar de praticá-lo, logo ela(e) estaria vivendo em pecado e desagradando a Deus. Esse exemplo reflete o quanto pode ser ainda mais inquietante para uma líder religiosa lidar com o seu desejo sexual cuja própria vertente religiosa não a permite vivenciar.

Sobre esse assunto, eu já conheci alguns casais da organização que se relacionavam sexualmente enquanto namoravam e que escondiam esse fato de toda a igreja e da própria família. Por esse motivo, e pela avaliação da prática sexual como pecado, eu percebia que esses casais lidavam com peso na consciência e acabavam apressando o casamento. Uma dessas pessoas vivia deprimida e com medo de punição, mas não conseguia se controlar.

Outro tipo de comentário frequentemente encontrado nesses espaços virtuais são relatos de estimativas não empíricas acerca da grande proporção de casais evangélicos que seria sexualmente ativa secretamente. Nesses casos também se verifica associações entre a prática dita pecaminosa e um sentimento de culpa.

Essa exposição apresenta outro dado relevante referente a esse público que seria a frequente precocidade do processo matrimonial (em comparação com os padrões contemporâneos) como modo do casal poder transar sem que isso desagrade a Deus e a igreja. Em reportagem para o site UOL, escrita por Paulo Sampaio (2021), por exemplo, Lanna, 21 anos, e Sérgio, 25 anos, participantes da Assembleia de Deus Família Bem Viver, relatam terem se casado em 2020 após 14 meses de namoro e durante a pandemia de covid-19 (apesar de todas as restrições impostas pelo período pandêmico) com a justificativa de que “não dava para esperar mais”.

Se o desejo de se relacionar sexualmente pode chegar a níveis tão intensos para casais inibidos da prática, as sanções comunitárias e transcendentais precisam ser muito severas para gerar esse nível de repressão. Aqui, o inferno como destinação eterna é um tópico frequentemente



implícito, mas que permeia o medo gerador da inibição sexual.

O que acontece com aqueles que cometerem um possível pecado e fizeram sexo antes do casamento? Eu me sinto muito mal por isso porque me guardei por bastante tempo, tinha o desejo de seguir os desígnios ensinados na igreja (casar virgem com um cristão na igreja). Entretanto, esperar para mim foi cansativo. Com 21 anos eu ainda não tinha namorado ninguém e já tinha visto o amor da minha vida até então se casar e ter filhos enquanto eu esperava algo que não sabia se viria. Acabei desistindo de esperar um homem da igreja, apaixonei-me por uma pessoa que não era cristã e me entreguei para ele. Nós dois permanecemos juntos, fazemos planos para o futuro que meus pais apoiam, mas tenho medo de ser castigada pelo meu 'erro' e temo que Deus tire a mão de mim porque sei que estou pecando conscientemente, medo porque sei que posso sofrer muito com as consequências.

3.3 A homossexualidade como pecado

Em uma comunidade virtual para jovens evangélicos, um senhor fez a seguinte publicação em uma imagem que fazia alusão à ideia de pureza sexual:

Gente, não é fácil ser fiel. A maior luta que eu travo é contra o pecado da homossexualidade e essa é a maior angústia que sinto. Quero fazer a vontade de Deus, mas às vezes peço muito apesar de querer amar Jesus. Quero ser fiel e morar no céu, porém a luta contra o pecado não é fácil. Cada um de nós é algum Davi, cada um tem que batalhar contra algum pecado relacionado a sexo. Não é fácil, mas todos nós precisamos de Jesus.

Entre as várias respostas que a publicação acima recebeu, o comentário feito pelo administrador dessa comunidade estava em destaque no momento da realização da pesquisa:

O Eterno ama a todos e nos dá forças para prosseguir. Podemos errar de diversas formas e em diversas situações com as mais variadas espécies de pecados, mas quando nos entregamos a Ele podemos vencer as tentações e o mal. Ser solteiro, inclusive, pode ser uma opção para você como a lição de jovens comentou nesta semana. Sinta-se acolhido!

Nenhuma das respostas ao comentário direcionava o senhor homossexual a reconhecer a própria sexualidade como algo positivo e aceitável. Não apenas a indicação do administrador sobre a possibilidade de se manter solteiro chama a atenção, como também o fato de todas as outras respostas girarem em torno da repressão e/ou inibição da sexualidade como proposta de solução com o fim de agradar a Deus.

Eu me assumi homossexual aos 17 anos, mas antes disso eu era adventista. Fiquei dois anos na igreja até que chutei o balde, afastei-me da igreja e tive dois namorados, mas nesse período senti muita falta de Deus, fato que me fez conhecer um ministério jovem que ainda frequento e aceitar a Deus na frente de todos. Depois disso, voltei a me relacionar com meu ex-namorado que passou a brigar comigo devido a minha religiosidade – motivo que acarretou nova separação. A partir dali me entreguei por completo a Cristo, de corpo e alma. Existem dois tipos de gays: os que não querem mais praticar e aqueles que querem dar show (e precisamos respeitar ambos). Decidi não querer me relacionar mais com meninos com o propósito de me entregar cada vez mais a Deus, começar tudo do zero, não por medo e nem por receio de alguém afirmar que frequento a igreja praticando atos homossexuais, mas sim porque eu realmente não estava mais me sentindo tão atraído por homens. Isso não quer dizer que pelo fato de ter escolhido não me relacionar mais com gays agora procuro me casar com uma mulher, pelo contrário, pois primeiramente quero estar com Cristo e será Ele que determinará se será colocada na minha vida uma menina para o matrimônio ou não. Hoje eu tenho uma independência emocional, sou curado da fragilidade e com Ele aprendi que sou forte e que nada é impossível quando há entrega. É



fácil? Não! A carne grita o tempo todo, mas 15 ou 30 minutos de prazer não substituem o que Jesus fez por mim na cruz.

Esse depoimento traz duas questões relevantes: primeiramente, a prática da castidade não necessariamente é interpretada como algo negativo de acordo com os relatos de muitos sujeitos evangélicos, porém a ideia de que a pessoa pode ser homossexual desde que aceite uma vivência em Cristo que, por sua vez, seria incompatível com a relação amorosa e sexual entre pessoas do mesmo sexo mostra-se presente. O próprio autor do relato reconhece que “a carne grita o tempo todo”, ou seja, o desejo sexual não realizado é uma questão que o afeta permanentemente, mas ele dá a entender que esse é um preço válido a se pagar considerando o estado emocional que a vida religiosa o permitiu alcançar.

Atualmente vivo um momento extremamente difícil na minha vida. Nunca imaginei que passaria por isso. Cresci como uma criança oprimida pela própria família, recebendo olhares de desprezo e de desconfiança. Eu ouvia meus parentes dizerem coisas como: ‘essa menina ninguém sabe o que será’, ‘essa menina tem um jeito estranho’, ‘ela será igual a irmã’. Gente, eu era somente uma criança! Essas palavras, entretanto, começaram a reverberar na minha cabeça aos poucos e concomitantemente minha irmã mais velha se assumiu lésbica e foi ostracizada pela família por essa razão. Estou revelando isso porque há algum tempo estou sofrendo com pensamentos homoafetivos e descobri ser bissexual. Ninguém da minha família ainda sabe disso e só tive coragem de contar para uma pessoa próxima. Desde então estou sofrendo e me sentindo um nojo perante Deus devido ao meu pecado. Tenho certeza de que Ele me ama, mas por não aceitar a minha bissexualidade estou me reprimindo muito. Todos sabem que cristãos e homossexuais têm atritos e isso ocorre porque a igreja não está preparada para lidar com essa questão. Peço perdão a você que se diz homossexual e que já foi ferido por alguém que se diz cristão, pois isso não reflete o verdadeiro amor de Cristo. A partir disso, estou criando coragem para contar às pessoas quem eu sou por completo e até lá não deixarei de ser cristã. Eu não me orgulho de ser assim, pois Deus não é a favor do homossexual e nunca será, mas Ele também não deixará de nos amar já que Ele ama incondicionalmente o pecador. Por amor a Deus eu não pratico os meus desejos e a minha homossexualidade porque quero agradar ao Senhor.

Alguns detalhes do vocabulário desse comentário precisam ser analisados. A jovem evangélica afirma que “sofre” de pensamentos homoafetivos. A escolha desse verbo (sofrer) replica um padrão já visto anteriormente de associações elaboradas por esses jovens evangélicos das suas próprias sexualidades com doenças e/ou maldições. Neste último caso, se a autora não tivesse essa perspectiva pejorativa sobre os pensamentos homoafetivos que vivencia, provavelmente também não sofreria por eles, aceitando-os e vivenciando-os de forma mais positiva.

Posteriormente, no relato, além de expor o sofrimento que essa situação causa para ela, também confessa estar se sentindo um “nojo” diante de Deus – novamente, a sexualidade colocada como algo sujo (como já exemplificado em seção anterior). Por fim, pelo fato de amar a Deus, a jovem bissexual opta por não se relacionar sexualmente com pessoas do mesmo sexo, não satisfazendo, portanto, esse seu desejo.

Entendam que está escrito para negarmos a nossa carne e aceitarmos a nossa cruz para



seguir a Deus. Todos nós temos desejos sexuais e isso por si só não é pecado. Porém, como o Espírito Santo quer descer sobre um corpo limpo não devemos ceder à prática do sexo homossexual que é uma forma de imoralidade sexual por enquadrar uma relação entre órgãos sexuais não criados para essa finalidade. Se você é heterossexual ou homossexual e estiver praticando imoralidade, você está em pecado e não será salvo a menos que se arrependa. Qual o sentido de aceitar os desejos homossexuais se você nunca poderá se relacionar sexualmente desse modo? Pessoal, Jesus ama a todos e por isso devemos ler a Bíblia para ter sabedoria. Nunca desistam da caminhada desmotivados por aquilo que os outros dizem para vocês.

Aqui, o depoente se utiliza de uma interpretação bíblica para oferecer embasamento formal e transcendental à repressão sexual (“está escrito para negarmos a nossa carne”). E, novamente, a necessidade de se ter um corpo que não seja sujo, que não seja imundo (“o Espírito Santo quer descer sobre um corpo limpo”) aparece no discurso anti-LGBTQIA+ (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexo, Assexuais e mais). Se Deus não salva quem transa com pessoas do mesmo sexo, logo a opção restante é não se permitir usufruir da satisfação sexual.

4 A proposta de uma ética psicológica para lidar com a angústia do sujeito evangélico envolvido com a doutrina de pureza sexual

Se uma psicóloga atende clinicamente um paciente que, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, apresenta sintomatologia passível de tratamento e que deriva de participação em movimento cristão de pureza sexual, como esse profissional pode proceder? Antes de se planejar uma intervenção adequada, é necessário consultar o Código de Ética Profissional:

Art. 2º – Ao psicólogo é vedado:

[...]

b) Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 9).

A psicóloga deve, então, utilizar ferramentas metodológicas e realizar intervenções cuidadosas ao lidar com a posição religiosa desse paciente para não ferir a ética da sua profissão. Se a experiência religiosa envolve a crença nas diretrizes de uma pureza sexual, criticar diretamente essa doutrina pode, além de afastar o paciente e não colaborar com um processo (necessário à análise) de transferência⁶, ainda soar como um desrespeito ético em que o psicólogo estaria tentando impor a sua perspectiva moral e/ou ideológica sobre a religiosidade do paciente.

⁶ A partir de uma perspectiva psicanalítica (lacaniana), compreende-se que a transferência por parte do paciente em análise (que se inicia no imaginário) desenvolve-se (também) no campo simbólico através do atravessamento do *sujeito suposto saber* que se forma na relação entre o analista e o analisando. Mas o analista não pode encarnar esse papel de *sujeito suposto saber*, pois isso o transformaria em uma espécie de guru, um mestre, e nessa relação não há como o inconsciente vir à tona, tratando-se de uma simples intersubjetividade. Ou seja, o despertar da imagem de um sujeito de suposto saber no analisando sobre o analista é necessário para que uma análise do sujeito do inconsciente se inicie (MILLER, 2012).



Além disso, nem todos vão experienciar a mensagem sobre pureza sexual igualmente (KLEIN, 2018, p. 26), o que significa que enquanto alguns sujeitos envolvidos nesse universo simbólico podem se estruturar subjetivamente de modo a se relacionarem sexualmente sem sentirem culpa, ou mesmo a agirem de acordo os mandamentos do movimento sem que isso ocasione significativos prejuízos emocionais, para outros isso pode resultar em uma experiência profundamente traumática. Ou seja, a singularidade do sujeito também precisa ser considerada aqui (GEBRIM, 2020).

Outro problema em se analisar esse tipo de caso é a dualidade dos discursos sexuais hoje vigentes na sociedade:

No momento que uma dessas pessoas entra no meu consultório, ela já passou anos tropeçando entre duas mensagens conflitantes acerca da sexualidade. De um lado, a sua experiência cristã insistia que o sexo pertence ao casamento – ponto. Do outro lado, a cultura pop insistia que o sexo selvagem, desapegado e recreativo é o melhor que há – ponto. A tarefa impossível de tentar viver entre essas duas narrativas ao mesmo tempo gera desespero tanto para pessoas casadas quanto para solteiras. Como um casal pode cultivar um relacionamento sexual que é íntimo, erótico e nutritivo emocionalmente, enraizado na mutualidade e no amor de Deus e borbulhante de prazer e conexão, quando a maior virtude é atender ao chamado da igreja para a asfixia sexual ou o chamado da cultura para o abandono sexual irrealista e destreinado? Quem pode culpar os jovens cristãos por estarem desiludidos sob circunstâncias como essa? (SELLERS, 2017, p. 8-9, tradução nossa⁷).

A ética da psicóloga, então, diz respeito ao cuidado que ela precisa ter não somente com a religiosidade desse sujeito, mas também com a sua sexualidade que possui especificidades de alguém atravessado por esses discursos conflitantes que reverberam psicologicamente.

O pastor Nelson Júnior, da campanha “Eu Escolhi Esperar” (2015), utiliza-se dessa dualidade de mensagens conflitantes da sexualidade para defender a ideia da adesão à pureza sexual como superior sobre o paradigma sexual contemporâneo mais popular (e mais liberal). Ciente da postura crítica que a psicologia tende a sustentar perante posturas sexuais excessivamente restritivas, o pastor recomenda que o jovem que escolheu esperar (ou que se angustia por não ter conseguido esperar), em casos de problemas emocionais mais graves sobre os quais a igreja e a família não consigam ajudar, busque o atendimento de um psicólogo cristão, o que também representa um risco ético ao profissional que trabalha clinicamente com esse sujeito utilizando metodologias cristãs – e não os da ciência psicológica.

⁷ “By the time these persons walk into my office, they have already spent years floundering between two conflicting messages about sexuality. On the one hand, their conservative Christian background has insisted that sex belongs in marriage–period. But on the other hand, pop culture has insisted that wild, unattached, recreational sex is the best there is–period. The impossible task of trying to live amid both narratives at the same time breeds despair, both for married people and for singles alike. How can a couple cultivate a sexual relationship that is intimate, erotic, relationally nourishing, rooted in God’s love and mutuality, and bubbling over with pleasure and connection, when the highest virtue is either heeding the church’s call toward sexual suffocation or the culture’s call to unrealistic, untrained sexual abandon? Who can blame young Christians for being disillusioned under circumstances like that?” (SELLERS, 2017, p. 8-9).



Mas por que esse pastor recomenda explicitamente aos seus pupilos a busca por um psicólogo cristão? Como explanado por Marta Helena de Freitas (2017) e José Henrique Lobato Vianna (2014), os impasses entre a psicologia e a espiritualidade perduram há décadas como resultado da secularização da ciência e de um consequente silenciamento na formação do psicólogo sobre importantes questões religiosas – como a analisada neste trabalho.

A psicologia da religião seria, então, uma disciplina em conflito consigo mesma por divergências significativas entre o que a religião prega e o que a psicologia defende (FREITAS, 2017). O que Marta Helena de Freitas sugere para mitigar esse conflito é o respeito à religião por parte da ciência psicológica – que, historicamente, já muito atacou as religiosidades –, mas sem fechar os olhos para ela – “em especial num país onde mais de 92% da população adere a uma ou mais religiões, tendo-a(s) como elemento(s) muitas vezes essencial(is) em suas vidas” (FREITAS, 2017, p. 102).

Portanto, o relato religioso do sujeito precisa ser acolhido pela psicóloga ao invés de ser rechaçado com uma postura de censura ou de mero desprezo (FREITAS, 2017), seja porque isso feriria o código de ética da profissão, seja porque posturas inadequadas de psicólogos sobre relatos religiosos dos pacientes levam a indicações como a do pastor, de que haja a procura por parte de evangélicos a psicólogos cristãos⁸. Além disso, o código de ética da psicologia segue a Constituição Federal de 1988, que possui como princípio máximo a defesa da dignidade da pessoa humana, o que está atrelado ao respeito religioso.

Mas a principal questão desta seção ainda não foi respondida: seria possível a psicóloga lidar com questões relacionadas à pureza sexual causadoras de angústia ao sujeito sem ferir o código de ética por intervenção inadequada sobre a sua religiosidade? Como, anos antes de se popularizar no Brasil, esse movimento de pureza sexual (na sua modalidade contemporânea) já era bastante conhecido nos Estados Unidos, a partir de estudos realizados nesse país é possível extrair algumas possíveis soluções para essa problemática.

A cristã Linda Kay Klein criou a Organização Não Governamental (ONG) “Break Free Together” com o objetivo de ajudar indivíduos a se recuperarem de traumas religiosos atrelados a gênero e sexualidade através de uma comunidade composta por outros sujeitos que também passaram por esse processo de repressão e que buscam, conjuntamente, a libertação do sentimento de culpa desenvolvido após crescerem em famílias religiosas rigorosamente conservadoras e/ou participarem de movimentos de pureza sexual. Vale dizer que essa ONG não é anticristã, pelo contrário, pois ela atua também dentro de igrejas buscando alertar evangélicos dos riscos desse

8 O que, a depender do envolvimento da doutrina cristã na terapia, também pode ferir o código de ética.



movimento contemporâneo de castidade.

Essa iniciativa de Klein resultou no livro *Pure: Inside the Evangelical Movement That Shamed a Generation of Young Women and How I Broke Free* (2018), o qual expõe várias histórias de pessoas que vivenciaram essa cultura evangélica de pureza e conclui que essa experiência gera em muitos sujeitos sintomas de transtorno de estresse pós-traumático como pesadelos, ataques de pânico e paranoias.

Outro alerta oferecido por Klein é o fato de muitos desses sujeitos sofrerem em silêncio com um *sorriso no rosto*. “A mensagem de que sofrer é de alguma forma bom para nós é repetida entre alguns cristãos, mas particularmente entre mulheres cristãs. Nossa recompensa por sofrer com alegria – sorrindo e não reclamando – quer dizer que somos boas” (2018, p. 41, tradução nossa⁹). Isso precisa ser considerado em casos, por exemplo, de sujeitos que apresentam sintomas que podem ter origens inconscientes e que transparecem muito parcamente o seu cenário global de sofrimento.

Algumas dessas pessoas com quem eu conversei disseram que eventualmente se tornaram tão boas em negarem seus próprios sentimentos que elas passaram a não mais conseguir acessá-los, mesmo quando queriam. Elas não conseguiam ter acesso à própria raiva, tristeza, dor e nem mesmo conseguiam sentir felicidade (KLEIN, 2018, p. 45, tradução nossa¹⁰).

Outra possível consequência do envolvimento nessa cultura evangélica contemporânea de castidade é elaborada pela terapeuta sexual Tina Schemer Sellers, especializada em atender casos de cristãos com restrições afetivas e sexuais resultantes da doutrina de pureza sexual. Ela explicita o fato de, para muitos, a aversão ao desejo sexual se estender ao casamento:

O problema, certamente, é que dentro de um casamento, qualquer relação sexual que é separada do romance e da afeição afetuosa está configurada para falhar do princípio. Tendo aprendido a sufocar ou reprimir suas sexualidades ao decorrer dos anos dos seus desenvolvimentos, incluindo com a pessoa que se ama, muitos jovens cristãos se encontram incapazes de trazer a sexualidade à luz quando eles finalmente estão casados. Eles têm problemas de enxergarem isso [a sexualidade] como algo bom, como um presente de Deus, depois de tantos anos se culpando por sentirem impulsos eróticos naturais (SELLERS, 2017, p. 17, tradução nossa¹¹).

Entretanto, tanto Linda Kay Klein quanto Tina Schemer Sellers acreditam que é possível

9 “The message that suffering is somehow ‘good for us’ is repeated often among some Christians, particularly Christian women. Our reward for suffering ‘with joy’–smiling and not complaining–is being told we are ‘good’” (KLEIN, 2018, p. 41).

10 “Some of those I’ve spoken with said they eventually got so good at denying their feelings that they could no longer access them, even when they wanted to. They couldn’t touch their anger, their sadness, their pain; they couldn’t even feel happiness” (KLEIN, 2018, p. 45).

11 “The problem, of course, is that within a marriage, any sexual relationship that is separated from romance and tender affection is set up for failure from the start. Having learned to suffocate or suppress their sexuality over the years of their development, including with the person they love, many Young Christians find themselves unable to bring their sexuality into the light when they finally are married. They have trouble seeing it as a good, God-given thing after so many years of shaming themselves for feeling their natural erotic impulses” (SELLERS, 2017, p. 17).



mitigar as consequências dessa doutrina de pureza sexual sobre o sujeito ou mesmo reelaborar a percepção dessa pessoa cristã sobre a ideia de pureza sem que isso despreze a sua religião – o que é essencial para qualquer psicóloga que esteja na posição de trabalhar com um paciente nessa condição sem ferir o código de ética.

Considerando que esse movimento, em sua formatação contemporânea, teve início na década de 1990 e alcançou popularização no Brasil ainda mais recentemente, como os evangélicos lidavam com esse tópico até os anos 1980? Apesar da ideia de pureza estar associada ao cristianismo desde o início, a ética monástica de regular cada sentimento que o sujeito possuía (FOUCAULT, 2021) não era publicizada explicitamente a nível pedagógico com a finalidade de ter adesão universal da juventude evangélica. Tratando-se de uma contingência histórica, isso pode, então, ser revertido sem colocar a religião do sujeito em xeque considerando que ser evangélico e aderir à doutrina de pureza sexual são coisas diferentes.

Sellers defende que esse sujeito, no seu processo de terapia, deve ter um espaço em que se sinta seguro para fazer perguntas e compartilhar histórias e sentimentos. Além disso, pode ser interessante que ele tenha acesso a exemplos filosóficos ou históricos da possibilidade de integração da espiritualidade à sexualidade, já que isso não seria contra a vontade de Deus. “Essa mudança deve ocorrer para esses estudantes lidarem com as suas sexualidades de uma forma saudável e afirmarem que seus desejos sexuais são forças vitais ofertadas por Deus e que isso é bom” (2017, p. 14, tradução nossa¹²). Aprender sobre sexualidade – como canalizá-la, gerenciá-la e apreciá-la – é uma etapa importante do desenvolvimento humano.

Pode ser desafiador para uma terapeuta trabalhar com alguém que parece ter experienciado uma vivência religiosa opressiva que teria afetado a sua habilidade de oferecer e receber bem o amor quando você, como terapeuta, pode não ter vivenciado essa mesma cultura diretamente. Mas se a fé é algo importante para essa pessoa, é da maior importância que a terapeuta ofereça abertura, respeito, curiosidade e uma avaliação sobre como as suas próprias crenças e valores podem influenciar as do sujeito em terapia. [...] Para muitos, o processo de cura pode parecer muito similar com o de alguém que sofreu abuso sexual na infância. [...] É crucial que a terapeuta tenha mente aberta sobre suas próprias questões enquanto ela navega pela terapia com esse paciente e busque supervisão e consulta sempre quando necessário (SELLERS, 2017, p. 21, tradução nossa¹³).

Por fim, a própria fé do paciente pode oferecer ferramentas à psicóloga de modo a contribuir com a resolução das problemáticas sexuais e/ou de gênero do sujeito. O cristianismo relata diversas

12 “*This change must happen for these students to deal with sexuality in a healthy way and to affirm that their sexual desire is a God-given life force, that it is good*” (SELLERS, 2017, p. 14).

13 “*It can be a challenge as a therapist to work with someone who has what can appear to be an oppressive faith experience that has affected one’s ability to give and receive love well, when you as the therapist may not have experienced the same culture firsthand. But if faith is a thing of value for this person, it is of utmost importance that you as a therapist bring openness, respect, curiosity, and an accountability to how your own beliefs and values may influence theirs. [...] For many, the healing process can look very similar to someone who has experienced childhood sexual abuse. [...] It is critical that the therapist be mindful of his or her own issues as he or she navigates therapy with these clients and seeks supervision and consultation whenever needed*” (SELLERS, 2017, p. 21).



histórias de um Deus caridoso e amoroso que entra em contradição com algumas crenças sobre Deus atreladas à cultura da castidade – que seria a de uma entidade vingativa e punitiva sobre os pecados desses sujeitos evangélicos. Um cristianismo mais afetuoso e amoroso pode ser uma fórmula para a cura da sua vertente mais autoritária, segundo Sellers.

5 Considerações finais

Este trabalho abordou o movimento evangélico contemporâneo de pureza sexual a partir da sua genealogia sócio-histórica e de relatos de participantes para compreender como a psicóloga pode trabalhar com esse sujeito sem ferir o código de ética da profissão.

Iniciado, em sua vertente contemporânea, no sul dos Estados Unidos, durante a década de 1990, esse movimento se espalhou rapidamente pelo mundo através das ferramentas e tecnologias de comunicação de uso corrente dos pentecostais e neopentecostais, mas também como uma proposta alternativa ao paradigma pop de uma sexualidade mais liberal.

A campanha juvenil de pureza sexual alcançou grande popularidade no Brasil durante a década de 2010 graças ao movimento “Eu Escolhi Esperar” que conquistou milhões de seguidores nas redes sociais em poucos anos. Conseqüentemente, a quantidade de relatos de sofrimento pelo compartilhamento do universo simbólico com esse tipo de doutrina passou a surgir em grande quantidade nos ambientes virtuais.

A inovação dessa vertente contemporânea da pureza sexual é a retomada de metodologias monásticas medievais, como as esplanadas por Santo Agostinho, em que todo sentimento e pensamento erótico e/ou libidinoso deve ser fonte de cuidado e atenção, além de, sempre que possível, dever ser confessado a um superior hierárquico cristão (FERREIRA NETO JÚNIOR, 2015, p. 139).

Isso, entretanto, tende a ser fonte de grande sofrimento para muitos sujeitos, demandando potencialmente intervenção psicológica. A psicóloga precisa seguir o código de ética nesse tipo de intervenção, sabendo respeitar a religiosidade do sujeito e estando ciente de que a religiosidade evangélica e o movimento de pureza sexual não são obrigatoriamente sinônimos, além de que o cristão pode permanecer evangélico sem necessariamente se sujeitar a uma doutrina sexual que, muitas vezes, é opressora e castrativa.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: Lorenzo Mammi. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.



CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília, DF: CFP, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. A juventude solteira e a sexualidade: abordagem e implicações na pregação protestante. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 4., 2016, São Leopoldo, RS. *Anais [...]* São Leopoldo, RS: EST, 2016. p. 38-53. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/617>. Acesso em: 22 maio 2022.

FERREIRA NETO JÚNIOR, Nelson Pinto. *Eu escolhi esperar*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 4: as confissões da carne*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREDRIKSEN, Paula. The Confessions as autobiography. In: VESSEY, Mark *et al.* *A companion to Augustine*. Oxford: Blackwell Publishing, 2012. p. 87-98. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=U8JIm4U05I4C&oi=fnd&pg=PA87&dq=confessions+augustine+first+autobiography&ots=j5QlwU7l4w&sig=kPJI_Tv1s2v-ynDo8U6iK7CC6ZE#v=onepage&q=confessions%20augustine%20first%20autobiography&f=false. Acesso em: 2 jun. 2022.

FREITAS, Marta Helena de. Psicologia religiosa: psicologia da religião/ espiritualidade, ou psicologia e religião/espiritualidade? *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 89-107, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/7229>. Acesso em: 25 maio 2022.

GEBRIM, Ana. *Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes*. Curitiba: Ed. Juruá, 2020. (Coleção Práxis Psicanalítica).

GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 49-73, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/4JrSBZDRqG8c9RJzCfxz4BN/>. Acesso em: 5 jan. 2022.

KLEIN, Linda Kay. *Pure: Inside the Evangelical Movement That Shamed a Generation of Young Women and How I Broke Free*. New York: Touchstone, 2018.

MILLER, Jacques-Alain. Lalingua de transferência nas psicoses. In: BATISTA, Maria do Carmo Dias; LAIA, Sérgio (org.). *A Psicose Ordinária: a convenção de antibes*. Tradução: Jose Luiz Gaglianoni, Lourenço Astua de Moraes, Maria da Glória Magalhaes e Sandra Arruda Grostein. Belo Horizonte: Scriptum, 2012. p. 155-186.

SAMPAIO, Paulo. “Evangélicos se casam em plena quarentena, em cerimônia só para padrinhos”. *UOL*, São Paulo, 10 maio 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/paulo-sampaio/2020/05/10/evangelicos-se-casam-em-plena-quarentena-em-cerimonia-so-para-padrinhos.htm>. Acesso em: 24 maio. 2022.



SELLERS, Tina Schemer. *Sex, god & the conservative church: erasing shame from sexual intimacy*. New York: Routledge, 2017.

SHAUGHNESSY, John J.; ZECHMEISTER, Eugene B.; ZECHMEISTER, Jeanne S. *Metodologia de pesquisa em psicologia*. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa e Maria Lucia Tiellet Nunes. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. *Psicologia Usp*, São Paulo, v. 32, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/W5cDdNM99Bk9btBs6ffx45G/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 1 jun. 2022.

VIANNA, José Henrique Lobato. Psicologia e religião: um encontro marcado com a Ética. In: AYRES, Lygia Santa Maria *et al.* *Ética e Psicologia: reflexões do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, 2014. p. 57-73. Disponível em: http://www.crprj.org.br/site/wp-content/uploads/2016/02/livro_etica-1.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

